

Considerações finais

Neste trabalho, nosso objetivo foi estudar a relação entre as formações adverbiais, buscando identificar se há um padrão geral de correspondência entre os AAs e as construções X-mente no português do Brasil.

Visando a alcançar nosso intento, examinamos, no capítulo 1, os processos pelos quais são formados os advérbios em português, a controvertida relação entre classe e função, a heterogênea classe dos advérbios e também o tratamento dado aos advérbios em –mente e aos AAs na abordagem tradicional.

Vimos que não há um consenso acerca dos critérios utilizados pelos gramáticos na conceituação do que é advérbio, bem como na classificação deste. Adicionalmente, os estudiosos também apresentam pontos de vista divergentes sobre os possíveis escopos dos advérbios, arrolando como exemplos verbos, adjetivos, advérbios, orações e substantivos.

O exame do quadro das construções adverbiais no português do Brasil torna-se ainda mais complexo se levarmos em conta a situação dos adjetivos que funcionam como advérbios, pois essa situação não é unanimemente reconhecida por todos os gramáticos e mesmo nos compêndios gramaticais em que se reconhecem os adjetivos adverbiais, a análise destes limita-se à enumeração de uma série de exemplos já consagrados pelo uso, sem que haja a especificação dos aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos envolvidos na categorização dos AAs. Em verdade, isso ocorre porque o reconhecimento do fenômeno da adverbialização de adjetivos pressupõe um posicionamento teórico no qual se admita a existência de fronteiras entre as classes de palavras, o que, conseqüentemente, viabiliza a possibilidade de uma palavra de uma determinada classe poder funcionar com valor de outra. Naturalmente, esse posicionamento teórico não é adotado pelos gramáticos, uma vez que estes se norteiam pela proposta da NGB, segundo a qual não se admite – ao menos explicitamente – a flutuação categorial seja entre substantivos e adjetivos ou entre adjetivos e advérbios.

Tendo em vista que o tratamento dado aos advérbios em –mente e aos AAs nas gramáticas tradicionais mostrou-se insatisfatório em face da complexidade

inerente as formações adverbiais, voltamo-nos, no capítulo 2, a trabalhos cujos pressupostos são funcionalistas e gerativistas. Nesses trabalhos, os autores apontam as falhas existentes na classificação dos advérbios, incluindo os em –mente, proposta na abordagem tradicional e propõem que essas classificações sejam reformuladas. Assim como as formas X-mente, os AAs também têm seu tratamento revisto e são analisados sob diferentes enfoques teóricos, segundo os quais podem ser considerados como um caso de gramaticalização (cf. Moura Neves, 2000; Barbosa, 2006), de conversão morfológica (cf. Basilio, 1992; Hummel, 1999) ou como um uso adverbial meramente suposto, já que se trata de adjetivos em função tipicamente adjetival (Lobato, 2005).

Notamos que nas gramáticas normativas, bem como nos estudos de orientação funcionalista e gerativista, as formações adverbiais são analisadas, via de regra, isoladamente. Apenas no trabalho de Barbosa (2006), há uma seção na qual a autora examina, em linhas gerais, a relação entre os AAs e os advérbios em –mente.

Partindo da necessidade de mais estudos sobre a relação entre as formações adverbiais no português do Brasil, analisamos noventa ocorrências de AAs coletadas na versão 8.0 do *corpus* do NILC / São Carlos, em textos obtidos em consultas no Google e em textos dos inquéritos D2/147 e D2/158 do Projeto Norma Urbana Culta (NURC) RJ, buscando identificar em que medida as características morfológicas e sintáticas dos AAs podiam ser relacionadas ou não à correspondência entre um AA e uma forma X-mente.

Do ponto de vista sintático, constatamos que os AAs não predicam adjetivos e advérbios: nem mesmo constituem exceção a esse quadro as formações em –íssimo, já que nestas a intensificação é sufixal, ou seja, a intensificação é feita sobre o adjetivo que serve de base para o processo de conversão para AA, de modo que a intensificação é anterior à conversão.

Do ponto de vista morfológico, as características morfológicas da base também se correlacionam com a correspondência entre AAs e formas em –mente, pois a maior parte dos AAs que funcionam como qualificadores e terminam em –nte, –al, –do, –(t)ivo e –íssimo, apresentam uma forma X-mente correspondente, sem que haja alteração de sentido. O mesmo, porém, não se verifica com os AAs que têm os sufixos –oso e –inho.

Apesar de termos registrado apenas duas ocorrências de AAs morfologicamente complexos, uma em *-nte* e outra em *-(t)ivo*, funcionando como modalizadores asseverativos afirmativos, notamos que embora a forma em *-nte* admita a contraparte com o sufixo adverbial, a formação em *-(t)ivo* não apresenta um advérbio em *-mente* correspondente.

Vimos, ainda, que os eventuais substantivos que têm, segundo a proposta de Barbosa, a função de advérbios não apresentam equivalência com formas em *-mente*, o que já seria de se esperar, já que as construções *X-mente* são criadas a partir de adjetivos.

Além das características morfológicas da base, um outro fator que influi no que concerne à equivalência de um AA pela respectiva forma *X-mente* é o grau de informalidade. Isto se reflete, primeiramente, no fato de que a grande maioria dos AAs ocorre em contextos informais, razão que nos levou a estender nosso *corpus* de análise com a finalidade de obter um número maior de dados do que os que poderiam ser obtidos em *corpora* contendo dados mais formais. Mas, como resultado de análise, verificamos também que a maioria das conversões de caráter gíriático não apresenta correspondência com formas em *-mente* semanticamente equivalentes, como é o caso dos AAs *legal* e *geral* porque são construções mais informais do que AAs como *positivo*, *certo*, *correto*.

Levando em conta as nossas ocorrências de AAs que funcionam como qualificadores e modalizadores, destacamos que os resultados de nossa análise sugerem que, ao contrário do que foi colocado por Barbosa (2006), os AAs, em sua grande maioria, apresentam uma forma *X-mente* correspondente, sem que haja alteração semântica. Adicionalmente, consideramos que o fato de termos encontrado AAs na linguagem coloquial, em textos publicitários e literários reforça de a hipótese de Basilio (1987, 1992 e 2004) e Hummel (1999) de que a conversão de adjetivos para advérbios é um processo produtivo. A produtividade deve ser entendida, nesse caso, não só no que se refere à expressiva utilização do referido processo na formação de advérbios no português do Brasil, como também na frequência com que são usadas construções com AAs.

Um aspecto que serve para corroborar indiretamente a hipótese de Basilio (op. cit) e Hummel (op. cit.) é a dicionarização dos AAs. Através de consulta realizada no Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa (2009), constatamos que dos noventa adjetivos que compõem o nosso *corpus*, trinta e sete já possuem, em

seus respectivos verbetes, uma entrada relativa à possibilidade de funcionarem como advérbios. Dentre estes, acham-se, alguns AAs que, segundo Basilio, já foram cristalizados pelo uso, como: *alto*, *baixo*, *fundo* e *rápido*.

O fato de 41% das ocorrências por nós coletadas já se encontrarem dicionarizadas, conforme disposto no quadro a seguir, demonstra a produtividade do processo de conversão de adjetivos para advérbios no português no Brasil.



Figura 2 - Gráfico relativo à dicionarização dos AAs

Por fim, retomando os versos transcritos na epígrafe desta dissertação, ensejamos que nosso trabalho se constitua como uma contribuição no que se refere ao estudo da relação entre as construções X-mente e os AAs que são formações usualmente encontradas na língua errada do povo, língua certa do povo, porque é ele que, em verdade, fala gostoso o português do Brasil.